

O livro de Alzira

Maria Do Rosário Longo Mortatti*

Resumo

Com o objetivo de contribuir para as discussões sobre o ensino e aprendizagem da leitura e da escrita, apresenta-se, sob a forma de resenha crítica, a análise da configuração textual do livro *Será que fui eu?*, de Alzira Silvéria. Essa análise foi desenvolvida com base na hipótese segundo a qual ler e produzir textos escritos são atividades especificamente humanas cujas função e importância extrapolam os limites da escola e cujo aprendizado modifica modos de pensar, sentir, querer e agir dos sujeitos que aprendem a ler e a escrever, promovendo mudanças qualitativas em seu processo de formação humana e propiciando sua participação ativa no mundo público da cultura escrita e, portanto, na sociedade e na história. Essa é a principal “lição de vida” que a autora do livro ensina a todos os interessados no assunto, em especial aos professores responsáveis pelo ensino escolar da leitura e da escrita, os quais somente podem ser bem-sucedidos, se e quando compreendem a si mesmos como sujeitos históricos e sociais, que também vivenciam a leitura e a produção de textos escritos, não somente como atividades necessárias para sua atuação docente, mas sobretudo como atividades essenciais para a humana formação de sujeitos-autores do discurso *de* e *sobre* sua vida e de sua história.

Palavras-chave: narrativa autobiográfica; letramento; ensino e aprendizagem da literatura e escrita.

Alzira's book

Abstract

Aiming it contribute to discussions on teaching and learning of reading and writing, is presented, in the form of critical review, the analysis of textual configuration of the book *Será que fui eu?*, by Alzira Silveria. This analysis was developed based on the assumption that reading and producing written texts are specifically human activities whose function and importance beyond the boundaries of the school and change ways of thinking, feeling, will and act, promoting qualitative changes in process of human development and providing active participation in the public world of written culture, and therefore in society and history. This is the main “life lesson” that the author of the book teaches all interested in the subject, especially to school teachers responsible for teaching reading and writing, which can only

* Professora Doutora. Departamento de Didática – Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual Paulista – *Campus* de Marília. Marília, São Paulo.

Maria Do Rosário Longo Mortatti

be successful if and when they understand themselves as historical and social people who, also experience reading and producing written texts, not only as necessary activities for their teaching performance, but rather as essential activities for human development, of people who are author of their own speech and about their life and history.

Keywords: autobiographical narrative; literacy; teaching and learning of reading and writing.

Introdução

Há alguns anos, recebi a visita de Dona Alzira que me presenteou com um exemplar de seu livro *Será que fui eu?*. Até então, ela era somente uma vizinha simpática, que algumas vezes eu encontrava em suas caminhadas matinais, acompanhada da inseparável bengala.

O motivo da visita e do presente era o duplo desejo de compartilhar a alegria que o livro representava em sua vida e pedir minha avaliação como professora universitária. Li-o logo em seguida; mas, desde então, estou a dever a essa senhora resposta mais consistente e convincente do que as singelas palavras que em encontro casual lhe apresentei: “Parabéns! Gostei muito de seu livro. Não é pouca coisa que uma mulher na sua idade tenha interesse em contar sua história e coragem e meios de fazê-lo. Isso é mesmo algo de que se orgulhar.”

Reli o livro outras vezes e, quanto mais refletia sobre ele, menos considerava possível dizer a Dona Alzira o que penso. Receava não conseguir dizer a essa senhora negra, “semianalfabeta” e então septuagenária, que gostei, ou não, do livro, sem que uma ou outra apreciação pudesse parecer, a mim e a ela, atitude de tolerante benevolência, ou de arrogante discriminação, por parte de outra mulher um pouco mais jovem, branca e... professora universitária.

Com o passar dos anos, porém, relendo o livro mais algumas vezes, ao receio inicial foi-se sobrepondo a necessidade de acolher, de fato, a interlocução com Dona Alzira, e, a exemplo dela, ter coragem de dizer, por escrito, que sentidos posso atribuir ao seu presente. Da necessidade de saldar essa dívida é que se originou este texto, em que apresento a análise da configuração textual (MORTATTI, 2000) do livro. Marcada por diferentes níveis de compreensão, conforme as incontáveis vezes em que o li, essa análise foi desenvolvida no ritmo de uma história de leitura aqui apresentada em quatro momentos que se entrecruzam no movimento em vórtice (MAGNANI, 1993) do processo de análise e interpretação de sua configuração textual: a leitura inicial do livro “fechado”; com o “livro aberto”, a leitura da história e da narrativa; a leitura de síntese no “fechar-abrir” o livro; a leitura interpretativa “aberta” com o “fechamento” do livro.

Em todos esses momentos, preocupei-me em atentar para os protocolos de leitura (SCHOLLES, 1992) propostos no conjunto de aspectos da configuração desse texto *escrito*, que, como tal, tem por finalidade ser lido por diferentes leitores, em diferentes lugares e em diferentes tempos. Mesmo quando tive dúvidas sobre certos trechos da história, ou sobre aspectos do processo de escrita e confecção do livro (como, por exemplo, se o texto original fora manuscrito pela autora, se fora ditado para um “escriba”, em que consistira a função do “organizador”), optei por não pedir esclarecimentos a Dona Alzira. Busquei, assim, sobretudo respeitar sua condição de autora e o correspondente desejo de ser compreendida na interlocução a distância, podendo-se, para isso, prescindir de sua presença física/empírica como autora-explicadora.

Apesar de todos os cuidados, posso não ter conseguido evitar os riscos tanto de enquadrar o livro nos moldes acadêmicos, empobrecendo possibilidades interpretativas, quanto de ceder à tentação de fingir ignorar o lugar acadêmico que ocupo, expondo-me e ao livro a possível descrédito interpretativo.

Mesmo assim e antes que seja tarde demais, convido os leitores a compartilharem a interlocução com Dona Alzira. Com base na hipótese segundo a qual ler e produzir textos escritos são atividades especificamente humanas, cujo aprendizado modifica qualitativamente os modos de pensar, sentir, querer e agir dos sujeitos que aprendem a ler e escrever, minha leitura visou à compreensão do sentido que posso atribuir ao livro e se desenvolveu em torno de uma questão que me intrigou como um enigma, assim como é enigmática a vida de cada um de nós: por que motivo Dona Alzira escreveu suas memórias e as publicou em livro, pelo qual pagou e caro?

Apresentação do livro

Será que fui eu?, de Alzira Silvéria, foi publicado em 2005, sob a forma de livro impresso e como “edição de autor”, pela Scortecci Editora (São Paulo), com formato 21x14 cm, encadernação em brochura e 75 páginas.

Indícios do que se apresenta no livro estão presentes na composição gráfica da capa plastificada. Sugerindo “coisas antigas”, predominam cores no tom sépia, com sobreposição, em dois planos e com tamanhos e tratamento gráfico diferentes, de mesmo foto de estúdio, com retrato em pose de uma mulher, jovem, de pele morena, sorridente, que está vestida, adornada e penteadada elegantemente, conforme padrões de moda característica provavelmente da década de 1950, no Brasil. Sobre ela e quase imperceptível à primeira vista, tem-se a imagem de um ponto de interrogação, em tons degradê e cujo formato, assim como o movimento decorrente da acentuação de cor, sugerem efeito visual de areia que desliza para a base de uma ampulheta, indicando a passagem do tempo.

Maria Do Rosário Longo Mortatti

No topo da capa, encontram-se: o nome da autora, destacado na cor branca; e, abaixo da imagem centralizada em primeiro plano, na cor branca e com letras de tamanho maior, o título do livro, enunciado por meio de frase interrogativa que contém expressão de dúvida (“será que”) sobre a condição pretérita (“fui”) do sujeito (“eu”) do discurso produzido no presente e referente a algo ocorrido em seu passado.

Figura 1 – Capa do livro *Será que fui eu?*, de Alzira Silvéria.



Fonte: Acervo pessoal da autora deste artigo

No plano de fundo da contracapa, repete-se, em posição espelhada, a foto com o ponto de interrogação sobreposto. Sobre ambos, tem-se texto assinado pelo neto da autora, Acauam Silvério de Oliveira, que destaca o lirismo e o valor sociológico, histórico e humano da “história de uma *mulher marcada*”, “[...] história feita de supressões, vazios e violências marcando presença em cada vírgula” que é também “uma micro história dos negros brasileiros”, “[...] verdadeira lição para aqueles que não acreditam na existência do racismo no Brasil”, e que contribui para “[...] iluminar um pouco mais a compreensão do que é o Brasil e do que é a vida.”.

Na página seguinte à de rosto, a autora apresenta agradecimentos a Deus, que a inspirou, a sua filha, Elionora, que a ajudou, e a seu neto, Acauam.

Segue-se prefácio datado de 2004 e assinado pelo Pastor Venilson Rezende, da 3ª Igreja Batista de Marília (SP), cidade onde reside a autora. Considerando que “Há vidas que marcam a história!”, o Pastor destaca seu aprendizado da lição de vida e fé na convivência, na “mesma comunidade eclesial”, com Dona Alzira, sua “irmã” e “ovelha”.

O livro contém, ainda, texto de apresentação, assinado por Alcides Campos, que se identifica como “organizador” da história e destaca “[...] os privilégios e conquistas de tudo que Dona Alzira conseguiu com as graças e ajuda de Nosso Senhor Jesus!” e informa em que consistiu sua função de organizador.

A história é contada pela própria Alzira, com toda beleza e simplicidade das palavras de alguém que, contando apenas com o segundo ano do antigo primário, escreveu sua vida com muita garra e entusiasmo, trazendo riquíssimos exemplos, a todos nós. Por isso, quando precisamos acrescentar algumas palavras ao texto original, tomamos todo o cuidado para não fugir das idéias da personagem principal. Apenas tentando enriquecer tudo que Dona Alzira viveu, viu e aprendeu durante estes 73 anos de existência. (CAMPOS apud SILVÉRIA, 2005, p. 11)

A história de Alzira

Trata-se de narrativa autobiográfica em prosa, no formato de memórias. O pertencimento a esse gênero narrativo é indicado já por meio da reprodução do retrato na capa, é informado na ficha catalográfica, é indicado no prefácio, na apresentação, nos intertítulos, no texto de quarta-capa; e é explicitado em vários momentos da narrativa, cuja narradora-protagonista tem nome idêntico ao nome da autora, conforme consta na capa e nos demais “elementos paratextuais” (GENETTE, 1982) mencionados.

Por meio da identificação entre autora, narradora e protagonista, estabelece-se o “pacto autobiográfico” (LEJEUNE, 1975), ao qual, no caso do livro em análise, deve-se acrescentar a a condição de narrativa não ficcional. Essa condição é tanto enfatizada pelos autores do prefácio, da apresentação e da quarta-capa quanto informada reiteradamente na narrativa, como nos dois trechos seguintes, extraídos, respectivamente, dos capítulos: “Não pretendo ser escritora” e “Esta é a história de minha vida”: “Com esse livro, somente quis contar a história da minha vida [...] sem comprometer ninguém”. (p. 72);¹ “Talvez eu tenha esquecido de alguma coisa, mas *tudo que narrei foi somente a mais pura verdade*”. (p. 74, grifos meus)

Na condição de leitora, vi-me, assim, também convidada a participar do pacto autobiográfico proposto no livro, com a expectativa de nele encontrar a narração de acontecimentos “reais/verdadeiros”, mesmo quando a narradora informa em nota de rodapé: “A fim de preservá-lhes a individualidade, algumas pessoas citadas nesta obra tiveram seus nomes trocados.” (p. 12).

A história é contada de perspectiva autodiegética e se passa entre 1930 e 2003. Está organizada em 39 capítulos breves, não numerados, com intertítulos de caráter predominantemente informativos. Não estão, porém, organizados em ordem cronológica estrita, no que se refere à sequência dos episódios narrados em cada um deles ou, mesmo, internamente a cada capítulo. Ao estilo, por vezes, da livre associação de lembranças, a narradora interrompe a linearidade temporal, recorrendo a *flashbacks* e *flash-aheads*, especialmente quando descreve a si mesma ou a personagens que, como tios e tias, fizeram parte de sua vida desde a infância.

Maria Do Rosário Longo Mortatti

A extensão dos capítulos varia entre uma página (a maioria deles) e três páginas e meia (dois deles), podendo ser agrupados em cinco blocos, cada um correspondendo à demarcação de conjunto de episódios ocorridos nos períodos e respectivas cidades em que a narradora-protagonista morou. Demarcando concretamente a mobilidade física e o deslocamento geográfico/temporal da protagonista, cada conjunto de episódios é demarcado pelos momentos de ruptura entre as fases de sua vida, como tentativas de recuperação ou dos danos que sofreu ou carências que sentiu (PROPP, 1984).

Os 22 primeiros capítulos (p. 12-34) são destinados ao relato de episódios da vida da Alzira na cidade de São Lourenço (MG), desde seu nascimento, em 1930, até o falecimento da mãe, em 1945.

A narrativa se inicia com a apresentação, em 3ª pessoa e em tom ficcional, da protagonista aos cinco anos de idade: “Era uma vez, no ano de 1935, uma menina muito miudinha, bem franzina, com seus cinco aninhos de idade” (p.12). Em rápidos *flashbacks*, a narradora retoma a história da menina desde seu nascimento, informa sobre a condição de filha de “mãe solteira”, “mas corajosa e amorosa” (p. 13) e sobre o “desarranjo intestinal” de que a menina sofria, passando a narrar o episódio que representou a primeira mudança importante em sua vida. A mãe a levou para consulta com um rico fazendeiro da região, que utilizava remédios homeopáticos e “não cobrava nenhum vintém por isso”, pois “gostava de ajudar as pessoas pobres” (p. 12). Ele e sua esposa se encantaram com a menina, que, com a concordância da mãe, passou a viver com eles, mas somente até o final do tratamento, não como adotada. Apesar de sentir saudades da mãe, que a visitava sempre, a menina era feliz vivendo com seus “padrinho” e “madrinha”: chamavam-na de “Alzirinha” ou “neguinha”, era a “mascote da casa” e tinha a incumbência de fazer cafuné no fazendeiro; tinha boas roupas, sapatinho de verniz, fitas no cabelo e até babá; chegou a “trabalhar” como guia de turismo, pelo que recebia gorjetas que guardava em um cofrinho; e aprendeu “as primeiras letras do alfabeto”.

Os episódios narrados nesse capítulo (um dos mais extensos) caracterizam, assim, a situação inicial de bem-estar da protagonista: “Bons tempos aqueles em **eu** era feliz e não sabia.” (p. 15, grifo da autora). Esse equilíbrio, porém, foi rompido após dois anos. Com a morte do fazendeiro, a menina voltou a morar e viver em condições humildes, sem conforto, mas feliz por estar na companhia da mãe. Aos sete anos, começou a frequentar o curso primário, e, como já sabia ler e escrever, foi transferida para a turma de 2º ano e foi aprovada para cursar o 3º ano.

Novo desequilíbrio, desta vez literal, mudou o rumo de sua vida: ela caiu de uma goiabeira e quebrou a perna esquerda. A demora na constatação da fratura e a negligência do “médico dos ricos”, a quem foi levada ingenuamente por uma parente, acarretaram graves e crônicos problemas de saúde, seguidos de longo período de internação hospitalar, ameaça de amputação da perna (o

que somente foi evitado porque sua mãe, embora fosse “mulher humilde e anal-fabeta” (p.19), demonstrava ter “muita fibra e discernimento” (p.19), para tomar decisões que protegessem a filha), tumores nas axilas causados por muletas inadequadas durante o período de recuperação e impossibilidade de andar, tendo de se arrastar no chão, até que um conhecido se apiedou, fez muletas de cabo de vassoura e a menina voltou lentamente a andar.

As condições de vida e moradia se deterioraram para a menina e sua mãe. O relato desse momento triste da vida da protagonista é temporariamente interrompido, dando lugar a quatro capítulos contendo descrição de familiares seus e relatos, em *flash-back* e *flash-ahead*, de episódios com eles ocorridos, caracterizando-se como retratos sociológicos da época.

Seu avô, Leopoldino, que “bebia, mas era divertido” (p. 24) e “não usava calçado, nunca” (p. 25), tivera dificuldades em aceitar a nova criança da família, embora com o passar do tempo “Zirinha” tivesse se tornado a preferida dentre seus netos.

Quando eu era recém-nascida e vô Leopoldino chegava em casa *de fogo*, falava para minha mãe:

– Joga esta batata descascada no rio! Isso não presta!
Ele dizia isso porque todos da família eram negros bem escuros, e eu, filha de pai branco, era “*a diferente*” da casa. (p. 24, grifos da autora)

Sua mãe tinha três irmãs, todas vitimadas precocemente pela tuberculose, e três irmãos. Um deles era “[...] negro simples, forte e analfabeto, bastante conhecido na cidade porque prestava alguns pequenos serviços nas casas” (p. 28) e conhecedor de plantas medicinais. O caçula, que perdera quatro dedos de uma das mãos, mas tocava cavaquinho e trabalhava em hotel como ajudante de cozinha, auxiliou a menina e sua mãe, quando esta adoeceu e faleceu, vítima de tuberculose, com 28 anos de idade.

Nos 17 capítulos seguintes (p. 35-52), são relatados episódios da vida da protagonista, ocorridos entre 1945 e 1961, na cidade do Rio de Janeiro, para onde, depois do falecimento da mãe, tomara a decisão de se mudar, contratada para trabalhar como empregada doméstica e morar na casa da patroa. Na mesma profissão, teve outros empregos, conheceu a exploração de seu trabalho e também foi bem tratada, tendo conhecido detalhes da vida da classe média carioca. Durante esse período, viveu momentos difíceis – como outro problema de saúde que a deixou novamente hospitalizada –, mas também teve novas e ricas experiências: especializou-se como cozinheira, frequentava cinemas, assistia aos desfiles carnavalescos, ouvia e participava de programas radiofônicos de auditório, tendo-se tornado fã da cantora Marlene, leitora da *Revista do Rádio* e “macaca de auditório” (p. 43), o que a ajudou a ganhar prêmio de 600 mil réis em um programa de perguntas sobre astros do rádio e, com esse dinheiro, pôde

Maria Do Rosário Longo Mortatti

assistir à festa do 4º Centenário da cidade de São Paulo, em 1954. Meses depois, participou do velório do Presidente Getúlio Vargas, que deixou “[...] órfãos milhões de trabalhadores brasileiros” (p. 51). Talvez tenha sido tirada nesse período a foto da autora que ilustra a capa do livro.

Com 19 anos de idade, Alzira conheceu um rapaz negro bonito e charmoso, trabalhador e inteligente, três anos mais jovem do que ela. Decidiram morar juntos e compraram e reformaram um barraco em morro no bairro do Botafogo, onde viviam em comunidade com os vizinhos. Em 1955, nasceu sua filha, no ano seguinte conseguiu tratamento hospitalar, para tratar das sequelas da fratura na perna, e, em 1961, tendo descoberto que o companheiro a traía, fugiu para a cidade de São Paulo, levando a filha, então com seis anos de idade, e deixando para trás a casa com tudo o que tinha conseguido adquirir: “Só me importavam minha dignidade e minha filha” (p. 52).

Nos quatro capítulos seguintes (p. 53-59), a narradora relata episódios de sua vida, entre 1961 e 1978(?), ocorridos na cidade de São Paulo, onde morou sempre no mesmo bairro (Brás), “[...] para não interromper os estudos da filha” (p. 58). Por dificuldades em cuidar sozinha da menina, foram muitas suas tentativas de conseguir emprego e moradia; conseguiu sobreviver e se estabilizar com o “apoio, o conforto e o bem-estar” recebidos de “mulheres negras” (p. 58), que a acolheram em suas casas e se tornaram suas amigas. Essas mulheres, assim como outras pessoas negras, frequentavam a igreja que também a protagonista, com 33 anos, passou a frequentar, tendo cantado no coro (onde não era a única “Alzira”), até ser afastada.

Entre 1966(?) e 1978(?), trabalhou em grande magazine da capital paulista: por um ano e dois meses como cozinheira para mais de mil funcionários; depois, como costureira na oficina de costura.

[...] e hoje, olhando para trás, não sei como pude agüentar todo esse tempo lá do Parque Dom Pedro até a Praça Ramos de Azevedo, com sol, chuva, frio ou calor e, às vezes, ainda fazia hora extra! Hoje penso: – *será que fui eu?!*

De onde vinha toda aquela força? A força vem do alto; vem de Deus, confia nele; acredita e Ele tudo fará! (p. 59, grifo meu)

Seguem-se três capítulos (p. 60-62) destinados à narração de episódios da vida da protagonista ocorridos entre 1978(?) e 1982(?), na cidade do Rio de Janeiro, para onde, após ter-se demitido do emprego na capital paulista, mudara novamente, para cuidar da filha que contraíra tuberculose e morava naquela cidade, com o marido paulista. Em 1980, nasceu o neto da protagonista, e, como presente de 50 anos, ela ganhou de presente da filha uma viagem à cidade de Manaus (AM).

Nos nove últimos capítulos (p. 63-75), são relatados episódios vividos entre 1983(?) e 2003, na cidade de Marília (SP), onde a narradora-protagonista passou a residir com o neto e a filha, que se separara do marido e fora transferida no emprego. Em homenagem a essa cidade, a protagonista escreveu versos sob o título “Cidade ‘Símbolo de amor e liberdade’”(p. 65). Encontrou a 3ª Igreja Batista, contou sua história para o Pastor, foi aceita na Igreja, em cujo coro passou a cantar (e, dessa vez, era a única “Alzira”) e considerou-se convertida, nessa sua “segunda fase” no “conhecimento da verdade” (p. 71). Quando completou 60 anos, ganhou de presente da filha outra viagem, dessa vez à Bahia, acompanhada de uma de suas amigas paulistanas.

A escrita de suas memórias, encerrada em 2003, é o último episódio da vida da narradora-protagonista, mas não o desfecho da vida da autora-narradora, que, assumindo-se como tal, no penúltimo e no último capítulos do livro assim se autodescreve e reflete sobre o medo da morte:

Uma menina negra, sem pai (porque não o conheci), sem irmãos, de origem humilde, mas com muita fé em Deus e muita coragem, que enfrentou a vida confiando que o dia de amanhã seria melhor do que o de hoje.

Nunca tive inveja de ninguém, nem fumei, nem me prostitui. Não conheço droga nenhuma, nem me tornei alcohólatra.

Vivi em Minas Gerais, Rio de Janeiro, São Paulo e Marília, porém, continuo mineira, porque o poeta (Olavo Bilac) nos ensinou:

“Ama com fé e orgulho a terra em que nasceste!” – palavras que sigo ao pé da letra, pois sou mineira, com muito orgulho! Uai. (p. 74)

Não tenho medo da morte, pois já me defrontei com ela por várias vezes.

A primeira vez foi quando sofri o acidente da perna e fiquei algum tempo desmaiada. A segunda foi durante a operação da mesma perna, quando, sob efeito da anestesia, apaguei por várias horas. A terceira vez foi quando trabalhava no restaurante da loja em SP. Naquele dia, o espremedor de limão industrial explodiu em minhas mãos e me atirou longe, numa descarga de 220 volts. Lembro que estava com um chinelo de borracha e em cima de um caixote, desmaiei e quando voltei a mim, fiquei sem falar por alguns minutos; tive uma crise de tremeadeira e não conseguia me controlar.

Mas o Senhor me queria viva, para contar e falar de Suas grandezas e também escrever esta história. Obrigada, Senhor! (p. 71)

A narrativa

Conforme característica da autobiografia, na narrativa em análise é tematizada uma vida individual, e o discurso da narração é coerente tanto com a personalidade da narradora-protagonista, com a importância que atribui a sua vida e com a compreensão que dela tem, quanto com a função social que atribui ao relato escrito e sua publicação em livro.

Também característico do gênero, o tempo da narração é posterior ao tempo da narrativa, o que propicia à narradora-protagonista condições de, por meio de visão retrospectiva de sua existência, selecionar episódios e ponto de vista.

Na narrativa em análise, a estrutura sintática coordenativa é predominante, assim como a linearidade na sequência cronológica dos fatos narrados. Os recursos a recuos e avanços temporais, menos frequentes, ocorrem, ou entre capítulos, ou dentro de um capítulo, em momentos de lembranças marcadas por maior grau de tensão ou distensão, relativamente aos episódios narrados, indicando escolhas (conscientes, ou não) da narradora, por sua vez indicativas de semelhanças em relação tanto à narrativa oral quanto à narrativa escrita.

Iniciado *in media res*, como se o objetivo fosse criar clima de suspense e situar a narrativa no plano ficcional, o primeiro capítulo se encerra com a informação que faz a passagem para o plano do real/autobiográfico: “Pois essa menina sou eu” (p.15). A partir daí, a narração se desenvolve em ritmo lento e envolvente, até aproximadamente o 26º capítulo, em que a narradora-protagonista informa e reflete, em capítulo de uma página, sobre os 12 anos em que trabalhou no “grande magazine em São Paulo”.

Esse momento pode ser caracterizado como clímax da narrativa, com o qual se “encerra” o ciclo de episódios relativos ao período de formação da menina e da adolescente e de sua imersão no mundo público e adulto, no qual enfrentou adversidades ainda maiores, como a exploração no emprego de doméstica e o serviço pesado e penoso no grande magazine mas também viveu momentos alegres, como os momentos de lazer que eram possíveis aos trabalhadores brasileiros, especialmente os que moravam na capital federal.

No 26º capítulo, ganha relevo a voz do presente da narradora: “[...] *hoje*, olhando para trás, não sei como pude agüentar todo esse tempo. [...] *Hoje* penso: – Será que fui eu?” (p. 59, grifos meus). A partir de então, os episódios vão sendo gradativamente resumidos, por vezes em algumas linhas, com diminuição de quantidade de detalhes. A narradora-protagonista informa, por exemplo, que não se casou novamente, mas não informa se voltou a trabalhar, ou se se aposentou, nem como passou a viver em Marília.

Especialmente a partir de sua chegada a Marília e da conversão religiosa, com a aproximação entre tempo da narração e tempo da narrativa, tem-se gradativo predomínio da tentativa de, conforme um ponto de vista religioso/cristão, explicar o vivido como concretização de vida exemplar. Como se sua existência tivesse se tornado uma sequência de momentos de rememoração do passado, decresce a fluência narrativa e se acentuam tanto a tentativa de justificar a escrita de si quanto a dissertação exortativa, estabelecendo-se diálogo mais direto com o leitor, como se ecoasse conselhos recebidos do pastor: “Com esse livro, somente quis contar a história da minha vida e dizer que ‘nunca se deve desanimar, mesmo nos momentos mais difíceis. Não perca sua confiança, saiba que Deus nunca vai lhe dar um peso maior que a sua força’.” (p. 72).

Marcada pelas características emocionais e pelo ponto de vista da narradora-protagonista, a narrativa é caracterizada pela parcialidade, não tanto do que a protagonista vive e vê, mas do que ela considera importante registrar, seja do ponto de vista da “história de superação”, que parece ter escolhido para dar sentido a sua vida e a sua história, seja do ponto de vista da interlocução pretendida, explicitamente, com sua filha e seu neto (ambos formados em curso de Letras), além dos futuros bisnetos, ou, ainda, com “outros” interlocutores. Dentre estes, podem-se incluir os “mais de quinhentos ‘irmãos’” (p. 70) da comunidade eclesíastica a que pertence e, sobretudo, o Pastor, a quem, primeiramente e de forma oral, a protagonista relatou sua história, provavelmente visando a ser admitida na Igreja. Possivelmente esse interlocutor tenha marcado, como autoridade religiosa, o ponto de vista da narradora-protagonista e a tenha incentivado a escrever sua história, para servir de exemplo do poder divino.

Essas escolhas explicitadas no plano do enunciado podem também ser encontradas no plano da enunciação. Considerando o “pacto autobiográfico” não ficcional, o “eu” que lembra é supostamente o mesmo “eu” que viveu o que narra. Na narrativa em análise, porém, embora predomine o foco narrativo em 1ª pessoa, por vezes tem-se a impressão de distanciamento entre a narradora-protagonista e os fatos narrados, como se, em vez de também atuar, ela exercesse a função de meramente narrar fatos vivenciados por outro, como se esse distanciamento decorresse de ponto de vista assumido no presente da narração, depois, portanto, de a protagonista ter sido “convertida”.

No plano da enunciação, tem-se a narradora-protagonista quando idosa, que rememora e busca se apropriar de sua vida e conferir-lhe um sentido como versão autorizada de si. No plano do enunciado, deixam-se entrever aspectos do momento de viver a infância, a juventude, a vida adulta e que, embora aprisionados nessa versão, são eloquentes em relação ao vivido. Conforme o olhar desde o presente da narradora, esses aspectos apenas entrevistados talvez sejam indicativos também da incômoda consciência de ter sido excluída, de ter vivido à margem. Talvez seja a isso que a narradora involuntariamente se refere, no trecho “[...] talvez eu tenha esquecido de alguma coisa [...]”, e que seu neto destaca, no texto da quarta-capa: “Uma história feita de supressões, vazios e

Maria Do Rosário Longo Mortatti

violência marcando presença em cada vírgula”. Pode-se considerar, assim, que as lacunas e os silêncios *do* sofrimento da narradora-protagonista estão a serviço da versão de seu presente de autora-narradora, que quer deixar registrada, como expectativa humana de imortalidade, uma história que concretiza seu desejo de inclusão: na família, na sociedade, na Igreja, na cultura escrita.

Embora se trate de relato autobiográfico, os aspectos já apontados indicam a possibilidade de existência de ao menos duas protagonistas diferentes: a *narradora*, que, do presente, apresenta-se como superação da *protagonista*, que, no passado, viveu os episódios narrados. Como exemplos de indícios dessa diferença, podem ser mencionados: a oscilação, nos capítulos iniciais, entre pronomes de 1ª ou 3ª pessoa em referência à protagonista; a exortação ao leitor, predominante em capítulos dos blocos finais; os qualificativos abundantes, para expressar juízos de valor positivo em referência às pessoas que ajudaram a protagonista: sua mãe, o fazendeiro e sua esposa, seu avô, seu tio João, as pessoas da “comunidade” do morro em que morou no Rio de Janeiro, “as mulheres negras” de São Paulo, a comunidade eclesial que a acolheu em Marília; ou, em raras vezes, juízos de valor desqualificativos em relação às pessoas que não a ajudaram.

E embora se constate o esforço de “controle” discursivo sobre as interpretações do vivido, buscando evitar pluralidade de pontos de vista, conforme foco narrativo característico do gênero autobiográfico, podem-se identificar as diferentes vozes: a da narradora, que relata episódios que considera corresponderem às expectativas de aceitação por parte dos interlocutores imediatos, como o Pastor, por exemplo, cuja voz se pode ouvir como réplica nas falas-tréplicas da narradora; a voz *do* e *ao* neto, quando, por exemplo, a narradora dedica um capítulo para elogiar o ex-genro, com base no “[...] mandamento de Deus: honra teu pai e tua mãe [...]” (p. 63); a voz silenciada da filha, a cujo pai não aplica esse mesmo “mandamento”.

Mas a voz mais audível e, ao mesmo tempo, a mais silenciada é a da protagonista. Como exemplo mais visível, observa-se que somente em seis momentos da narrativa se apresentam falas suas, sob a forma de discurso direto, e não se encontram momentos de introspecção, exceto em dois trechos em que, por meio de discurso indireto, são informados breves pensamentos seus.

O caráter polifônico assim aparentemente controlado e aprisionado instiga à reflexão também sobre os valores ideológicos que ela, ou não considerou, ou tentou silenciar, talvez para “[...] não comprometer ninguém” (p. 72).

Será que, quando vivia os fatos e sofria as adversidades da vida, a protagonista se lamentava, se revoltava? Atribuía sua sobrevivência ao poder de Deus, ou a seu mérito pessoal e à ajuda de pessoas amigas? Considerava essas adversidades “naturais”, para sua condição de mulher, negra, “semianalfabeta” e com sequelas físicas de acidente sofrido na infância, tão

“naturais” como foram as adversidades enfrentadas pelos de sua família, inclusive os homens, para quem a diferença de gênero não representou possibilidade de melhor condição de vida? Ou vivenciou conflituosamente a consciência de seu pertencimento a gênero e grupo social marginalizados, aos quais se impusera como aprendizado “natural” a submissão a ser perpetuada, como forma de sobreviver, única expectativa de vida?

Sentidos possíveis

Nos textos do prefácio, da apresentação e da quarta-capa, cada um de seus autores enfatiza diferentes aspectos do livro, conforme seus pontos de vista de leitores empíricos e do lugar que consideram ocupar como interlocutores de Alzira.

O caráter exemplar, do ponto de vista religioso, de uma vitoriosa trajetória é enfatizado no prefácio e na apresentação, como síntese interpretativa que se identifica com a que a narradora-protagonista apresenta. Essa síntese, por sua vez, pode ser também entendida como eco da interpretação que foi apresentada à autora, previamente à produção do relato escrito, provavelmente o tendo moldado. Distanciando-se dessas interpretações, no texto de quarta-capa o neto enfatiza os aspectos sociológicos e históricos, além dos humanos, da história de Alzira. E eu, instigada e intrigada pelo convite de interlocução, depois de ter “fechado” o livro e refletindo sobre tudo o que tinha lido, retomei a questão que continuava a me intrigar, cuidando, porém, para não sobrepor minha voz à da autora, nem desprezar as pistas interpretativas presentes no texto, tanto no dito, quanto no não dito e no interdito ou, ainda, no que talvez não tenha estado acessível à autora, por ultrapassar limites de dor suportáveis ou possibilidades dos recursos linguísticos e narrativos por ela conhecidos.

Levando em conta o fato de conhecer a autora e o de ter tido acesso ao livro *por causa* da profissão que exerce, inicialmente o considere exemplar, não porque seu conteúdo narrativo expresse lição de superação e fé religiosa, mas porque nele vislumbrei possibilidade de exemplificação de ao menos dois outros aspectos, cuja abordagem considero mais relevante e fecunda: um deles é o proposto pelo autor da quarta-capa, mas que não enfocarei neste texto devido à limitação de espaço; o outro aspecto é o que se refere às relações entre alfabetização e letramento.

Conforme esse último aspecto, pode-se compreender o livro em análise como representativo da concretização de certo ponto de vista teórico defendido por pesquisadores contemporâneos: mesmo pessoas analfabetas ou “semianalfabetas”, com baixo nível de escolarização, que não dominam mais do que rudimentos de leitura e escrita, podem ser consideradas letradas, quando compreendem e usufruem as funções e os usos sociais da língua escrita, como forma de inclusão e participação ativa no mundo público da cultura escrita. (TFOUNI, 1988,1995; SOARES, 1988, 2002; MORTATTI, 2004).

Maria Do Rosário Longo Mortatti

A quais erros ou tipos de erros a autora se refere? Que ajuda teve da filha e do neto para corrigir erros que considerou ter cometido? A que acréscimo de palavras se refere o organizador, que buscou “[...] enriquecer tudo que Dona Alzira viveu, viu e aprendeu”? Se, inicialmente, essas perguntas me pareceram relevantes, foram-se tornando desnecessárias, frente aos aspectos do livro que indicam a condição de letrada de sua autora.

Alzira teve “pouco estudo” e “pouca cultura”. E, talvez, tenha pouco traquejo no que se refere a aspectos, como, por exemplo, habilidade motora e manejo de instrumentos de escrita em papel, como indica o traçado das letras da dedicatória que, “de próprio punho” e em minha frente, escreveu na folha de rosto do exemplar que me ofertou. Mais importante, porém, do que essas dificuldades de ordem “técnica”, as quais ela mesma reconhece, é o fato de saber ler e produzir textos e o conhecimento que demonstra a respeito, dentre outros: das características e funções da língua escrita; das diferenças entre oralidade e escrita; das características e funções do livro como objeto cultural; de sua função de autora; da arte de contar histórias; do gênero autobiográfico-memorialístico; dos recursos discursivos para o registro escrito desse relato.

E ainda mais importante do que esses conhecimentos é o fato de Alzira saber a importância de usufruir sua condição de letrada, colocando-a a serviço de finalidades tão pouco “utilitaristas”, como a de registrar e publicar suas memórias.

Por que motivo?

A narradora-protagonista informa ao menos dois motivos para sua empreitada. O mais frequentemente explicitado na narrativa se relaciona com sua crença religiosa e se encontra sintetizado neste trecho citado pela narradora: “[...] ‘nunca se deve desanimar, mesmo nos momentos mais difíceis. Não perca sua confiança, saiba que Deus nunca vai lhe dar um peso maior que a sua força’” (p. 74). As aspas entre as quais se encontra essa frase no texto em análise, indicam se tratar de citação de palavras *de* outro e *para* outro, possivelmente o Pastor, conforme contexto em que é apresentada na narrativa. E é esse o motivo que permite situar o relato memorialístico no âmbito da narrativa exemplar e redentora da vida de uma heroína comum, marcada pela fé em Deus, coragem, força de vontade, determinação e paciência, na luta para superação de danos e carências sofridos, e virtuosamente pautada em princípios morais e éticos: “Nunca tive inveja de ninguém, nem fumei, nem me prostitui. Não conheço droga nenhuma, nem me tornei alcoólatra” (p. 74).

De acordo com esse ponto de vista, sua vitória é resultado da intervenção e proteção divinas, que inspiraram e impulsionaram os inconfessos esforço, teimosia e mérito de uma pessoa predestinada ao fracasso, conforme sua condição racial, social e de gênero, no momento histórico e no país em que viveu. Assim, a exemplaridade decorre da possibilidade de leitores comuns se identi-

ficarem com motivações e ações da heroína comum, tomando-as como inspiração para a condução de suas vidas.

O segundo motivo parece estar mais próximo do desejo da autora de não esquecer e não ser esquecida. Consciente de que não é eterna, diz não temer a morte e reitera que escreveu sua história, não com a pretensão de se tornar escritora, mas para transmitir sua experiência. Desse ponto de vista, o principal motivo de ter escrito o livro pode ser compreendido no plano da “condição humana”: registrar sua história como prova de sua existência, fixar uma imagem de si e salvar seu passado do esquecimento, para servir seu presente e seu futuro (LE GOFF, 1984, p. 47).

Assim compreendido, esse motivo indica desejo de ordem mais complexa, cuja compreensão e realização escapam da tentativa de controle nos limites da crença religiosa, podendo ser apreendidos principalmente nos silêncios e nas incompletudes do texto.

A função de narrar decorre *de* e se relaciona *com* a compreensão do narrador a respeito de seu lugar social e de sua “incumbência” de lembrar o passado e de narrar o que se lembra, a partir de seu lugar e do conjunto de suas referências sociais, culturais e linguísticas, no presente. As dificuldades impostas ao narrador, portanto, obrigam-no a “[...] *reconstruir*, no que lhe for possível, a fisionomia dos acontecimentos [e] involuntariamente, [...] a avaliar (logo, a alterar) o conteúdo das memórias” (BOSI, 1979, p. 21). Características ainda mais complexas se impõem a essa função, quando se trata do narrador idoso, que “[...] ao lembrar o passado [...] está-se ocupando consciente e atentamente do próprio passado, da substância mesma de sua vida”, e a quem, no momento da “velhice social”, resta a função de lembrar, para ser “[...] a memória da família, do grupo, da instituição, da sociedade” (BOSI, 1979, p. 23).

Apesar das dificuldades, a função de narrar está relacionada com a faculdade e a necessidade humanas de “intercambiar experiências”, fonte à qual recorre o narrador, para, por meio da reminiscência, buscar se inserir na cadeia da tradição, ou reinventá-la, a fim de transmitir os acontecimentos de geração em geração. Desse ponto de vista, Alzira busca “lugar honroso e voz privilegiada”, de quem quer ensinar aquilo que levou toda uma vida para aprender. Seu relato autobiográfico pode, pois, ser considerado como uma espécie de “ajuste de contas”, em que se entrecruzam memória pessoal, memória social e memória da tradição, sejam as impostas, sejam as inventadas.

Nas escolhas tanto da narradora quanto da protagonista da narrativa em análise, podem-se encontrar as marcas desse entrecruzamento de memórias, ainda que prevaleça a memória pessoal, como imagem de si a ser fixada e transmitida. Como ocorre, porém, nas “disputas” entre gerações, podem-se encontrar no texto de quarta-capa aspectos da versão que o neto de Alzira gostaria de fixar e perpetuar. Situando no plano sociológico e histórico sua interpretação

Maria Do Rosário Longo Mortatti

da história da avó, ele indica o desejo de reinventar aspectos da tradição, já que, na condição de quem a “recebe”, está também encarregado de lhe dar continuidade.

Os motivos explicitados ou indiciados na narrativa são legítimos e indicam sentidos autorizados pela configuração textual do livro em análise. Entre esses dois motivos, porém, insinua-se um sentido que os abrange e que se funda na ambiguidade entre o inconfesso desejo da autora de apresentar orgulhoso relato de si e a explícita necessidade de, por meio da sublimação da vaidade pessoal, situar a narração e a narrativa no plano da vontade de Deus.

É nesse lugar que se podem identificar e compreender as ambiguidades silenciadas ou desprezadas (mas não silenciosas), que permeiam a narrativa. Essas ambiguidades, por sua vez, possibilitam identificar os diferentes níveis e modos de exclusão e discriminação sofridas pela narradora-protagonista, assim como os diferentes níveis e modos de a autora perceber, sentir e explicitar tanto sua condição de não pertencimento quanto seu desejo de participar de esferas da vida privada e da vida pública, conforme valores morais e éticos almejados em oposição às privações que sofreu: relações familiares estáveis; condições dignas de moradia, alimentação, atendimento médico, trabalho e lazer; crença religiosa vivenciada em comunidade eclesial; direito ao usufruto da cultura escrita.

É, ainda, nesse lugar ambíguo que o “pacto autobiográfico” se complexifica. Com o embaralhamento das funções preestabelecidas de autor, narrador e protagonista, o leitor também se vê convidado a renovar o pacto de leitura, sustentando-o na honesta ambiguidade que caracteriza a narrativa em análise. A narradora não cede à tentação de ficcionalizar sua vida, respeitando o pacto referencial que inscreve a narrativa no campo da “mais pura verdade”, conforme o que lhe é permitido lembrar e narrar, em função de sua memória, posição social e condições de produção da narrativa, possibilidade de conhecimento, objetivos e motivos de narrar, interesses presumidos dos interlocutores possíveis e conhecimento do qual ela (ou seus colaboradores e organizador) dispõe a respeito das convenções linguísticas e narrativas. E, embora busque funcionar como “narrador dogmático” a apresentar visão monológica dos acontecimentos narrados, seu estilo sintético, coordenativo e não didático-professoral propicia lacunas e incompletudes, por onde se deixa entrever, no relato de uma vida anônima, a polifonia de um “eu” cuja síntese se encontra na também ambígua pergunta-título do livro.

Essa pergunta instiga o leitor a formular muitas outras, como, por exemplo: será que foi Alzira, ela mesma, quem viveu e venceu as adversidades, quem narrou a história, quem escreveu o livro? Mas essas são perguntas que não esperam respostas, senão talvez a de que a incerteza confessada e orgulhosa de si, ao mesmo tempo em que chancela a autoridade e a dignidade da autora, da narradora e da protagonista, possibilita aprofundar as reflexões apresentadas neste texto, com base na compreensão de Foucault (1996), a respeito

de: “discurso”, não como simplesmente aquilo “[...] que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar” (p. 10); “autor”, como um “[...] princípio de agrupamento do discurso, como unidade e origem de suas significações, como foco de sua coerência” (p. 26); e “acontecimento discursivo”, como “[...] cesuras que rompem o instante e dispersam o sujeito em uma pluralidade de posições e funções possíveis” (p. 58).

Considerações finais

Alzira Silvéria teve uma filha e certamente plantou uma árvore. Será que ter escrito e publicado suas memórias representou para ela a culminância da obra de sua vida?

Por coerência e respeito à proposta da autora do livro, é empreitada estéril – ainda que de possível pertinência –, buscar respostas a essa pergunta, ou tentar enquadrar a autora em classificações como “alfabetizada”, “semianalfabeta”, “letrada”, ou, ainda, tentar saber o que exatamente ela teve a intenção de ensinar, ou, sobretudo, formular julgamentos de valor sobre o que viveu e narrou. Talvez, porém, o que de mais relevante e honesto se possa concluir é que, na concretude do livro e no discurso narrativo nele materializado, tem-se uma “lição de vida”, representada por tudo aquilo que a autora-narradora-protagonista levou uma vida para aprender.

Por esses motivos, ela sabe e pode “aconselhar” no sentido que Benjamin (1987) atribui a essa atividade: “[...] é menos responder a uma pergunta que fazer uma sugestão sobre a continuação de uma história que está sendo narrada. [...]. O conselho tecido na substância viva da existência tem um nome: sabedoria” (p. 199). Por isso, o narrador “[...] figura entre os mestres e os sábios. [...] Seu dom é poder contar sua vida: sua dignidade é poder contá-la inteira”; sua “autoridade de narrar” advém de sua experiência, e seus conselhos, da própria dor (p. 202-221).

E, para os que sentirem necessidade de lições, talvez a principal delas seja a que se relaciona com a importância da linguagem escrita na luta de uma mente inquieta e inconformada, a qual, com instrumentos e meios de que pôde dispor ou pôde produzir, buscou se constituir como sujeito-autor do discurso *de* e *sobre* sua vida e de sua história.

Essa lição *de* vida e *para* a vida deveria fazer parte também da rotina de professores e alunos das escolas brasileiras (mas não somente deles, nem somente nesse espaço): ler e produzir textos escritos são atividades especificamente humanas, cujas função e importância extrapolam os limites da escola; mais do que direito do cidadão e dever do Estado, seu aprendizado modifica modos de pensar, sentir, querer e agir dos sujeitos que aprendem a ler e a escrever, promovendo mudanças qualitativas em seu processo de formação hu-

Maria Do Rosário Longo Mortatti

mana e propiciando sua participação ativa no mundo público da cultura escrita e, portanto, na sociedade e na história; e os professores responsáveis pelo ensino escolar da leitura e da escrita somente podem ser bem-sucedidos se e quando compreendem a si mesmos como sujeitos históricos e sociais, que também vivenciam a leitura e a produção de textos escritos, não somente como atividades necessárias para sua atuação docente, mas sobretudo como atividades essenciais para a formação humana.

Referências

BENJAMIN, W. O narrador – considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: _____. **Magia e técnica, arte e política**. Trad. Sérgio P. Rouanet. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987. (Obras Escolhidas v. 1)

BOSI, E. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo: T. A. Queiroz, 1979.

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**. Trad. Laura F. A. Sampaio. São Paulo: Ed. Loyola, 1996.

GENETTE, G. **Palimpsestes**. La littérature au second degré. Paris: Seuil, 1982.

LE GOFF, J. Documento/Monumento. Trad. S. F. Borges. In: _____. **Enciclopédia Einaudi: I. Memória-História**. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1984, p. 95-106.

LEJEUNE, P. **Le pacte autobiographique**. Paris: Seuil, 1975.

MAGNANI, M. do R. M. **Em sobressaltos: formação de professora**. Campinas: Ed. UNICAMP, 1993.

MORTATTI, M. do R. L. **Os sentidos da alfabetização: São Paulo – 1876/1994**. São Paulo: Ed. UNESP, 2000.

_____. **Educação e letramento**. São Paulo: Ed. UNESP, 2004.

PROPP, V. I. **Morfologia do conto maravilhoso**. Trad. Jasna P. Sarhan. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1984.

SCHOLLES, R. **Protocolos de leitura**. Trad. Lúcia Guterres. Lisboa: Edições 70, 1992.

SILVÉRIA, A. **Será que fui eu?**. São Paulo: Scortecci, 2005.

SOARES, M. **Letramento: um tema em três gêneros**. Belo Horizonte: Autêntica, 1988.

_____. **Alfabetização e letramento**. São Paulo: Contexto, 2002.

TFOUNI, L. M. V. **Adultos não alfabetizados**: o avesso do avesso. Campinas: Pontes, 1988.

_____. **Letramento e alfabetização**. São Paulo: Cortez, 1995.

Notas

¹ A partir daqui, indicarei somente o número da página, quando se tratar de citação do livro em análise.

Correspondência

Maria do Rosário Longo Mortatti – Av. Hygino Muzzi Filho, 737, CEP: 17 525-900. *Campus* Universitário – Marília, São Paulo, Brasil.

E-mail: mrosario@marilia.unesp.br; maria.longo@pq.cnpq.br

Recebido em 16 de julho de 2012

Aprovado em 27 de novembro de 2012